

[Entrevistador] silêncio no set pegou não você vem aqui ó gravando 3 2 1 boa tarde eu sou a Júlia moradora do Passaré, aluna da escola 2 de maio e eu sou a entrevistadora você é?

[Samelli] Boa tarde, me chamo Samuelli Oliveira, sou uma das lideranças comunitárias, ativista LGBT aqui do Passaré, e também sou estudante de estética, já estudei também na 2 de maio, encerrei meus estudos aqui no ano de 2014, e conseqüentemente consegui uma bolsa pelo SISUTEC, no tempo, de secretaria escolar na União Ateneu.

[Entrevistador] Você se considera um guardião da memória do bairro?

[Samelli] Sim, considero. Participei de muitos eventos que teve aqui no bairro, participei de muitas confraternizações, festejos. Minha infância toda foi aqui na comunidade.

[Entrevistador] Você acha que alguma coisa mudou no bairro? Ou tem alguma coisa que continua igual?

[Samelli] Sim, muitas coisas mudaram. A questão das praças, dos ônibus, das próprias lideranças foram mudando. E aí... Peraí, calma aí. Na questão das praças, teve aquele grande movimento de lideranças para poder trazer a melhoria, que antes era só um campo aberto e agora tem uma areninha. Logo também tem uma escola areninha, que não tinha.

[Entrevistador] E o que continua igual?

[Samelli] A escola dois de maio continua igual. Por mais as reformas que teve, que aqui antigamente era um prédio abandonado, aí conseguiram as lideranças juntas, conseguiram trazer uma escola de ensino fundamental.

[Entrevistador] Qual a lembrança que você carrega desse território?

[Samelli] Uma lembrança que eu carrego desse território são... Os momentos de dança, momentos de convivência na praça. Eu dançava muito aqui em frente. E aí também a Lagoa do Passaré, eu tomava banho lá, chamava os amigos e a gente ia. São muitas lembranças, muitas lembranças boas mesmo.

[Entrevistador] Há quanto tempo você mora dentro do bairro?

[Samelli] 29 anos.

[Entrevistador] O que você pode fazer para manter essas histórias vivas?

[Samelli] O que se pode fazer hoje para manter essas memórias vivas são trazer, perguntar aos ancestrais, né, aos ancestrais, tipo nossos avós, nossos tios, ter um pouquinho mais de comunicação, porque a gente deixa muito essas informações se perderem. A gente não tem esse convívio de perguntar aos mais velhos, né,

algumas coisas, tipo, alguém sabe fazer uma garrafada, um ambedou, e aí essas coisas elas se perdem muito.

[Entrevistador] Tem alguma memória que você acha que tem alguma importância, tipo, pra você, ou do bairro mesmo, ou só do bairro?

[Samelli] Uma memória boa, eu acho que foi o tempo que, na verdade, eu vim para cá e meus familiares também, né? Que aí foi uma grande luta para poder construir essas casas. E aí foi ocupações, movimento.

[Entrevistador] Como se faz para guardar todas as memórias?

[Samelli] É ler muito, né? Porque você precisa estar bem ativo nas memórias. Eu leio bastante.

[Entrevistador] E qual a importância dessas memórias para a comunidade?

[Samelli] Eu acho que uma comunidade sem memórias vivas não se torna uma grande comunidade, né? Uma grande existência de processos, porque senão se perde tudo no tempo e aí nos nossos futuros não vai ter essas grandes memórias passadas.

[Entrevistador] E existe algum objeto, registro, tipo álbum, alguma coisa que você guardou com carinho para preservar as memórias?

[Samelli] O único lugar que está guardado nas minhas memórias é a minha mente. Muitas coisas se perderam já.

[Entrevistador] Qual a história mais te marca?

[Samelli] A história que mais me marca do bairro? Agora tu me pegou.

[Entrevistador] Tipo, pode ser da escola ou das praças que você dançava, né? Ou alguma coisa assim que realmente te marcou, que você acha que tem alguma relevância a mais?

[Samelli] Eu acho, acredito que mesmo foi a lagoa mesmo. Foi uma grande vivência que eu tive ali, né? Pulava os muros pra poder ir até lá.

[Entrevistador] Qual você acha que foi o momento mais... difícil para a comunidade em si, para o bairro?

[Samelli] Acredito que mais no início, porque não tinha água, não tinha transporte, tudo era difícil. Até mesmo essa moradia, a construção das moradias.

[Entrevistador] E o que você diria para homenagear o seu território, o bairro e a sua comunidade? O que eu diria para homenagear?

[Samelli] Que é um bairro vivo ainda, que tem muita cultura, muito patrimônio, que é pouco procurado, pouco explorado.

[Entrevistador] Certo. Obrigada. Eu tenho uma pergunta pra ti. Que a gente tá aqui num pátio da Escola 2 de Maio. Isso. Aí eu queria que tu falasse um pouco, porque tu disse que era muito importante, né? Que carrega o nome de uma pessoa muito importante pra escola, pra comunidade.

[Samelli] Sim. Maria das Dores foi uma das primeiras pessoas a procurar uma escola de ensino fundamental e médio para ir para o bairro, para a comunidade. E aí foi com a luta dela, através da luta dela, que essa escola, esse prédio abandonado no tempo, que era um presídio, estava abandonado há muito tempo, conseguiu trazer. E aí a prefeitura de Fortaleza conseguiu articular e ficar nessa parte de início, ensinos fundamentais. Logo após veio o ensino médio. E depois, depois de uma grande luta dos moradores, que veio as escolas Raimundo de Moura Matos, Macario, Infante Rosalinda, mas tudo devido à luta das comunidades, das lideranças.

[Entrevistador] Isso, muito obrigado.